

**O acadêmico Manoel Pinto Ribeiro
entrevista
Antônio Martins de Araújo,
Presidente da Academia Brasileira de Filologia.**

M.P.R. — O que significa para você a presidência da Academia Brasileira de Filologia?

A.M.A. — Embora eu tenha a honra de integrar, como sócio efetivo, a Academia Maranhense de Letras, e a Associação Internacional de Estudos Ibero-Eslavos (CompaRes), presidir a ABRAFIL significa o coroamento de sessenta anos ininterruptos de magistério; uma contínua produção científica nas áreas da Lingüística Diacrônica e na da Ciência da Literatura, bem como um aprazível e enriquecedor convívio com nomes representativos das melhores — Filologia, Crítica Literária e Historiografia Científica que ora se praticam em nosso país.

M.P.R. — Onde e quando se realizou a II Conferência Internacional de Cultura Ibérica e Eslava?

A.M.A. — Esse evento aconteceu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, nos dias oito, nove e dez de maio de 2008, com a participação de conferencistas de todos os dez países da antiga Cortina de Ferro.

M.P.R. — Qual foi sua contribuição a essa Conferência?

A.M.A. — Com base principalmente nos primeiros ensaios lingüísticos do saudosos lexicógrafo Antônio Geraldo da Cunha e no Banco de Dados do Instituto Antônio Houaiss, gentilmente a mim franqueado pelo confrade e amigo Mauro de Salles Villar, falei sobre Os empréstimos eslavos no português do Brasil.

M.P.R. — E o que mais foi realizado nessa Conferência?

A.M.A. — Tendo de receber uma justa homenagem na Universidade do Porto por sua vasta folha de serviços prestados à língua e às literaturas de expressão portuguesa, meu antecessor na presidência da ABRAFIL, o Prof. Dr. Leodegário Amarante de Azevedo Filho solicitou-me apresentasse àquele evento seu 'paper' Camões e Tolstói, em que ele dá ênfase à criação artística daqueles dois escritores a partir do acendrado amor às suas cidades natais.

M.P.R. — Alguma consequência dessa sua participação ao evento que seja de interesse da ABRAFIL?

A.M.A. — Positivo. Como consócia do CompaRes, nossa Academia passou a manter interface com as Associações Portuguesas — de Críticos Literários, de Escritores, de Tradutores; com a Asociación Internacional de Amigos da Universidade Libre Iberoamericana de Galicia; do Centro de Estudos de Culturas Lusófonas; do Instituto Camões; do Observatório da Língua Português; do PEN Lube Português; da Asociación Española de Eslavistas; da Cátedra de Cultura Ibérica e Européia, da Universidade de Chemnitz (na Alemanha); da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; e da Sociedade Portuguesa de Autores.

M.P.R. — E o que gera essa interface?

A.M.A. — Os sócios da Academia Brasileira de Filologia passarão a ser informados sobre os eventos promovidos por essas instituições, bem como serão convidados a apresentar neles os seus trabalhos e resultados de pesquisas em Congressos, Jornadas e demais encontros.

M.P.R. — Você já recebeu algum convite pessoal como sócio da ABRAFIL para fazê-lo?

A.M.A. — O Prof. Doutor Fernando Alves Cristóvão, eminente sócio de algumas dessas instituições, convidou-me a participar do Projeto P2 do CLE-PUL-L3, com um ensaio lingüístico sobre “Marcas de estruturas, metaforismos e temas recorrentes da Literatura de Viagens.”

M.P.R. — E qual será essa contribuição sua?

A.M.A. — No momento estou ultimando, para enviar-lhe, com vista à publicação num prestigioso periódico português, o ensaio .

M.P.R. — Qual a mais antiga dessas três obras?

A.M.A. — É a Histoire de la mission des peres capucins em l’isle du Maragnan et terres circonvoysines [...], do padre Claude d’Abbeville (Paris, François Huby, 1514), traduzida pelo médico maranhense Dr. César Augusto Marques (1826-1900) e publicada pela tipografia do Frias em São Luís do Maranhão em 1874. Foi ela reeditada com algumas correções pelo acadêmico Sebastião Moreira duarte, pela Siciliano, de São Pa’ulo, em 2002. O texto original fran-

cês de 1614 foi reeditado em 1963 por Alfred Métraux e Jacques Lafaye, em Graz, na Áustria, pela Akademische Druck.

M.P.R. — E qual a segunda obra francesa sobre o Maranhão e sua fortuna crítica?

A.M.A. — É a Voyage dans le Nord du Brésil fait durant les annés 1613 et 1614, do padre Ives d'Evreux. Baseada no exemplar da Biblioteca Imperial de Paris, saiu em 1864 simultaneamente em Paris e Leipzig com o selo da livraria A. Frank. Dez anos depois, o Dr. César Augusto Marques traduziu-a para o português e editou-a por aquela mesma tipografia maranhense, com uma introdução e notas do brasilianista M. Feerdinand Denis. Em 2002, na coleção Maranhão Sempre, saiu a terceira edição dessa obra, com o selo da editora Siciliano, de São Paulo, sob os cuidados do acadêmico Sebastião Moreira Duarte.

M.P.R. — Qual a mais recente edição dessa obra?

A.M.A. — É a do Volume 94 das edições do Senado Federal. Ela foi resultado da feliz e oportuna iniciativa do lexicógrafo Joaquim Campelo Marques, que se beneficiou do exemplar, por muito tempo dado com perdido, ora encontrado na Biblioteca de Nova Iorque. Com essa edição da boa, pôde ele acrescentar os quatro fôlios faltantes à edição parisiense, que, por uma série de circunstâncias, dormitou por duzentos e cinqüenta anos nas prateleiras reais até que fosse distribuída ao público.

M.P.R. — Que iniciativa da ABRAFIL de 2008 você deseja enfatizar?

A.M.A. — No ano passado, celebrou-se o primeiro centenário de falecimento de dois grandes escritores brasileiros, a saber Machado de Assis e Artur Azevedo; e o quarto, de nascimento, do padre Antônio Vieira, que viveu em meados do séc. XVII no Maranhão, onde lutou muito pela catequização dos indígenas. Mais do que justo promover sua divulgação aos universitários e ao público em geral.

M.P.R. — E o que fez a ABRAFIL nesse sentido em 2008?

A.M.A. — Com a participação de alguns confrades, na primeira quinzena de dezembro, promovemos, no Fórum de Ciência e Cultura da U.F.R.J. a VIII Semana de Língua e Literaturas de Expressão Portuguesa.

M.P.R. — Em que consistiu ela?

A.M.A. — No 1.º dia, a doutoranda da P.U.C. Cláudia Cristina Couto falou sobre a obra do padre Antônio Vieira; no 2.º dia, os acadêmicos José Pereira da Silva e Amós Coêlho da Silva, sobre a contribuição de Dom João VI à cultura e ao desenvolvimento do Rio de Janeiro; no 3.º dia, os acadêmicos José Mário Botelho e eu, sobre a obra de Artur Azevedo; no 4.º e 5.º, os acadêmicos Domicio Proença Filho e Leodegário A. de Azevedo Filho, sobre o tempo e o espaço na ficção de Machado de Assis.

M.P.R. — Você pretende promover a nona e a décima Semanas de Língua e Literaturas de Expressão Portuguesa no decorrer de 2009?

A.M.A. — Sim. No primeiro semestre, desejamos promover uma semana que dê ênfase à Literatura e à Historiografia Científica; no segundo, à Lingüística e à Filologia. Nesse sentido, já convidamos os confrades a se colocarem na primeira assembleia ordinária da ABRAFIL da última semana de março próximo na UERJ.

M.P.R. — E qual é seu projeto em relação à nossa Revista?

A.M.A. — Se não pudermos editá-la semestralmente, o que seria uma ótima oportunidade para divulgarmos nossos trabalhos recentes, pretendemos contar com a efetiva colaboração de nossos pares, a fim de editá-la pelo menos, anualmente, como se ilustre predecessor vinha fazendo.

M.P.R. — E Congressos, algum em vista para esse ano?

A.M.A. — Com a invejável experiência na preparação de Congressos (nacionais e internacionais), meu amigo e mestre Leodegário A. de Azevedo Filho crê viável para este ano, pelo menos, um Congresso Nacional, para dar voz e vez a nossos sócios correspondentes nos estados brasileiros.

M.P.R. — Mais projetos à vista?

A.M.A. — Como estou na expectativa de nova participação em evento a ocorrer em Lisboa, ainda não posso dizer o que pretendo fazer na Europa neste primeiro semestre.